

4. CONTEXTUALIZAÇÃO DO CENÁRIO

4.1 O que é o Movimento de Defesa do Favelado – MDF

O sociólogo Octavio Ianni (2004, p. 50) ao descrever a manifestação católica do povo brasileiro; da sua contribuição na construção da nossa identidade, fala da presença de um catolicismo solidário com as elites dominantes, deliberantes; mas também confirma “que alguns setores do clero sempre estiveram e continuam solidários com setores sociais subalternos, na cidade e no campo”.

E é bem nesse contexto de uma igreja progressista e solidária para com os excluídos/as, assentada nas Comunidades Eclesiais de Base - CEB e na Teologia da Libertação nos anos setenta, que nasceu o Movimento de Defesa do Favelado – o MDF.

A sua causa está na luta e na defesa do povo favelado. A discriminação para com esse povo é muito grande. A idéia que fazem sobre eles é que são marginais e que a solução para eles é a extirpação e a remoção das favelas.

Tal idéia é alimentada pelo sistema imobiliário e pelo setor da construção civil para recuperar terrenos urbanizados com o intuito de construir grandes investimentos imobiliários oferecendo à cidade grandes ilhas de condomínios fechados.

Para os movimentos sociais ligados às questões do direito de uso da terra, a favela é uma expressão física, social e cultural das contribuições urbanas. E a solução está na urbanização destas áreas e no direito da posse da terra.

Na história mais recente do Brasil, com a visão neoliberal dos últimos governos (Collor e FHC) e mesmo no atual governo Lula, há negligência por uma política habitacional de interesse social. Com isso o fenômeno da favelização iniciado nos anos quarenta só tende a crescer em detrimento da falta de políticas de distribuição justa e igualitária do uso da terra.

Segundo dados obtidos junto ao MDF, nos anos noventa estimava-se um milhão de favelados dentro do município de São Paulo. Já em 2002 esse número passa para um milhão

cento e setenta mil pessoas. Em 1991 o município de São Paulo já tinha 585 favelas. Em 1993 sobe para 612 e em 2002 o número atinge 2018 favelas.

O MDF nasceu quando um grupo de favelados da Zona Leste de São Paulo lutava por melhorias dentro das favelas. Contava com o apoio articulador da Igreja Católica, especialmente nas pessoas do missionário irlandês pe. Patrick Clarke; de Ana Boran, freira franciscana irlandesa e de D. Luciano Mendes de Almeida, então bispo - auxiliar de São Paulo.

O MDF surgiu legalmente em 1985 e, de acordo com o seu estatuto, na “luta por direitos, contra a marginalização socioeconômica e cultural dos moradores de favelas”, tendo por missão “resgatar, defender e promover a cidadania dos favelados, na sua dimensão política, artística, pedagógica e religiosa, mediante o tripé: presença, resistência e solidariedade”.¹⁴

De acordo com o seu estatuto, os objetivos da luta do MDF são os seguintes:

Ser presença no meio das favelas, a fim de testemunhar o valor imprescindível de todo ser humano, independente de sua condição social; acompanhar e ser ponto de referência para discussões, reflexões e ações de interesse da comunidade. Acompanhar os projetos concretos que surgem no decorrer do tempo, voltados às aspirações da comunidade; ajudar a encontrar recursos humanos, técnicos e financeiros para o desenvolvimento dos projetos e atuar junto às autoridades constituídas em prol dos direitos dos favelados e na defesa de seus interesses legítimos.¹⁵

Nota-se que a preocupação geral do MDF é de atuar junto às “bases” populares, com propósitos democráticos e participativos.

¹⁴ Extraído do estatuto do MDF

¹⁵ Objetivos extraídos do estatuto do MDF



Figura 5: O MDF durante ato público em defesa do direito à moradia nos anos 80.
Foto: Acervo MDF.

Paulo Freire teve uma longa militância nos movimentos da igreja católica. Iniciou-se na antiga Juventude Operária Católica (JOC), ainda quando vivia em Recife. Também viu crescer seu método de alfabetização e conscientização dentro dos movimentos sociais. Numa entrevista para o Movimento de Defesa do Favelado declarou a importância da luta desses movimentos no processo de libertação de homens e mulheres. A construção dos princípios da luta do MDF pela causa dos favelados, muito se deve ao contato com a obra de Freire a favor dos excluídos:

Eu acho que o papel dos movimentos sociais é um papel importantíssimo de natureza política, de natureza ética e de natureza estética. Eu não afasto a boniteza de nada. Eu acho que os movimentos teriam de encarnar nos movimentos populares a boniteza da libertação. É brigando que entenderam sua briga como um grande poema; como sonetos; como epopéias. A briga é uma coisa bonita. E sendo bonita necessariamente é ética. [...] Eu acho que só quem não briga é que não tem futuro e quem não tem futuro não tem presente. Porque o futuro afinal de contas não é uma província que fica distanciada de mim, muito além de mim a espera que eu chegue lá. Pelo contrário, eu sou fazedor do futuro. Somos nós, enquanto gente, enquanto povo, enquanto classe

social e também enquanto indivíduos, transformando o presente com a experiência que o passado nos deu, criar o futuro. O futuro é uma invenção da gente¹⁶

Freire teve um papel fundamental no surgimento do MDF. A consistência da sua obra e luta em favor dos menos favorecidos/as, inspirou o MDF a confirmar a formação de um movimento de homens e mulheres lutando pelo direito da moradia sem esquecer da sua atuação e formação política. O MDF ainda mantém em algumas favelas o Movimento de Alfabetização (MOVA) criado por Freire e implantado desde o início das suas atividades junto aos favelados da Zona Leste da cidade de São Paulo.

Gabriel de Santis Feltran pontua bem o início da participação de Paulo Freire junto ao Movimento de Defesa do Favelado, o MDF:

As pastorais e as comunidades eclesiais de base (CEBs) organizaram as populações faveladas de São Paulo, especialmente a partir da segunda metade da década de 1970, para lutar por uma vida melhor, como se sabe. No caso de Patrick e dos que o cercaram no início do trabalho, próximos a esses setores da Igreja, evangelizar significava também mobilizar a população, com um compromisso político claro, além do religioso. [...] Da busca de Patrick, exatamente porque ela se encontra com a busca de tantos outros no período, vai nascer o MDF. [...] é desde sempre muito marcante no histórico do MDF a participação de Paulo Freire, bem como a presença do movimento de alfabetização de jovens e adultos inspirado na sua presença intelectual e militante. A ligação entre o método de alfabetização empreendido por Paulo Freire e seus seguidores influenciava e se nutria, mutuamente, do método de organização popular dos movimentos do período (FELTRAN, 2005, p. 228).

Para Feltran o trabalho de alfabetização de Freire estava presente na luta diária dos favelados da Vila Prudente envolvidos pelo trabalho de conscientização do MDF:

O método de atuação se baseava em investigar, nos discursos proferidos pelos favelados, suas preocupações centrais, expressas, vejamos, pelas palavras que se repetiam em suas falas. As palavras que proferiam os favelados revelavam o mundo, o cosmos que eles habitavam, por serem elas reveladoras das percepções que faziam

¹⁶ Depoimento extraído do vídeo “Teto e Chão: a história do movimento de defesa do favelado”

sobre o mundo e sobre si mesmos. Observá-las fazia visitar a cabeça do favelado para organizar intervenção que partisse disso. Compreendê-las e compreender como os outros as compreendiam, portanto, significava também realizar um mundo comum (FELTRAN, 2005, p. 229).

Clarke, no vídeo *Paulo Freire conversa com Patrick*, comenta sobre a importância da participação de Paulo Freire no surgimento do Movimento de Defesa do Favelado:

Paulo Freire foi fundamental para o MDF no sentido de mostrar uma coerência com a proposta de transformação que nós temos com o pessoal da favela, com uma prática miúda de estar com o pé no chão, de estar nas bases, de estar de cá para chegar lá, de estar discutindo o óbvio, sem ter medo que seja alienação. [...] Neste processo ele teve um papel de intelectual, de parceiro, de parteiro, companheiro e amigo, fazendo-nos acreditar que você, mesmo sendo humilde e pequeno, pode e deve sonhar com a transformação deste mundo.



Figura 6: Paulo Freire dialogando com Patrick Clarke
Foto: Arquivo Patrick Clarke

Clarke reconhece que os encontros e rezas em torno da vida, da luta e dos sonhos do povo das favelas de São Paulo, serviram de base para alimentar o surgimento do MDF:

Eu vim para o Brasil realmente sem saber o que ia fazer por aqui. Eu vim como missionário. O que é isso? Missionário é um missionado para quê? Trazer mais uma

carga de preconceitos e opressões e projetos já feitos por lá para botar em cima do povo daqui? Não. É muito fácil ver que o povo se juntou pela reza; juntou nas reuniões, juntou na reza dos terços. Ah, você é de lá, você é de Campos Sales no Ceará, não sabia.[...] Ah, lembro da sua família... O povo foi se conhecendo nessa troca de miúdos; troca de coisas muito simples... Que vem tomar café; que vem rezar juntos. Então surgiu creche, surgiu esgoto, surgiu grupo de jovens. Surgiu depois Casa de Cultura, surgiu consciência política, surgiram perguntas sobre porque estamos aqui; porque tínhamos de sair de lá onde tínhamos terra, mas não tínhamos casa nem emprego. Só miséria. Acho que o MDF nasceu daí. Brotou do chão, seco, pobre, desgraçado, miúdo. Mas acho que virou centro do mundo. Hoje é o centro do mundo. Acho que utopia é isso. Utopia faz da periferia o centro. E você se sente gente ali.¹⁷

Desde o início das suas lutas, o MDF vem assessorando mais de trinta favelas, já tendo chegado a estar em mais de quarenta delas, na Zona Leste de São Paulo.

Para o pesquisador Gabriel de Santis Feltran:

O MDF tem mais de 20 anos de lutas e, ao mesmo tempo em que sempre buscou articular atuação bastante presente do interior de mais de 30 favelas da Zona Leste de São Paulo, acessou por vezes um projeto político amplo de transformação social. Evidentemente isso foi conseguido não apenas pelas suas forças internas, mas graças a múltiplas formas de interagir com diversas outras iniciativas populares, instituições, movimentos e indivíduos (FELTRAN, 2005, p. 209).

O MDF, desde o seu nascimento pela conscientização política dos favelados, optou em atuar não só nas esferas internas da luta, mas no campo externo onde a política elabora suas leis. Feltran também pontua tal momento da luta do MDF:

[...] orientado para negar o isolamento e a comunitarização da atuação política movimentista; a atuação dos favelados, desde a concepção que rege a criação do MDF, deveria ativamente acessar esferas externas às favelas, e mais do que isso, um dimensão pública da sociedade, na defesa da universalização de seus direitos (FELTRAN, 2005, P. 210).

¹⁷ Depoimento extraído do vídeo “Teto e Chão: a história do movimento de defesa do favelado”

A solidariedade é uma atitude notável e muito presente na vida dos favelados. Desde a fundação do MDF o mutirão tornou-se uma identidade marcante do movimento. No vídeo *Teto e Chão* Patrick Clarke conversa com alguns moradores e lideranças comunitárias de uma favela assistida pelo MDF nos anos 80 sobre a atuação deles junto à comunidade ao redor de uma obra (canalização de esgoto), reconhecendo o valor do trabalho feito em mutirão:

Então, vocês vejam como vocês cresceram a partir da tragédia para se unir, não é? Ficar unido e resistir à manipulação e hoje vocês estão numa posição forte para conseguir aquilo que é uma solução melhor. Então acho que é a lição que está aí para todos nós¹⁸.

O mutirão foi uma grande conquista política do Movimento de Defesa do Favelado nos anos 80 quando muitas favelas da zona leste conseguiram levantar no lugar de barracos as suas casas. O depoimento de uma militante confirma tal conquista:

Acho que foi a maior felicidade; o maior sonho da minha vida [...] Aquela emoção, com aquela alegria, com aquele gosto e prazer; saber que um dia eu ia entrar dentro de uma casa e não continuar dentro de um barraco¹⁹.

Nos anos 80 os favelados de São Paulo se colocaram na luta pela Concessão do Direito Real de Uso da Terra. Esse projeto de lei que transitara na Câmara dos Vereadores de São Paulo por quase 18 anos teve a sua reprovação por um voto contra. As lideranças e os integrantes dos movimentos de moradia sentiram-se traídos. Um depoimento no vídeo *Teto e Chão* de uma liderança do MDF confirma que o povo entendeu o fato não só como mais uma reprovação de um direito, mas como mais uma traição para com suas lutas.

A gente teve toda uma luta por quase 18 anos. E esse projeto, quando a gente conseguiu finalmente colocar ele na Câmara, ele não é votado. Acho até que eles têm um trunfo por trás disso, político. Que é ter a grande massa para eles bater; dar tapinhas nas costas na época de eleições e conseguir os votos²⁰.

¹⁸ Depoimento extraído do vídeo “Teto e Chão: a história do movimento de defesa do favelado”

¹⁹ Id.

²⁰ Id.

Esse depoimento vem confirmar que o trabalho de base do MDF é, essencialmente, um trabalho de conscientização política. O depoimento aqui apresentado é de uma mulher que de mera favelada tornou-se uma mulher conscientizada e politizada, entendendo o jogo e o mecanismo da máquina política. Entendeu também que na negação do seu direito e dos outros favelados, os políticos fortaleciam sua presença no poder, garantindo assim uma longa permanência no quadro político.

Para Feltran:

O MDF nada mais é do que a interação entre esforços ativos de um pequeno grupo militante, que tinha os pés colocados em campo comum a centenas de outros pequenos grupos militantes. Nos depoimentos, o movimento surge e se consolida, o que é notável, depois da vivência coletiva da luta. O MDF, na visão dos entrevistados, não é causa, mas é um resultado das lutas (FELTRAN, 2005, p. 232).

Hoje, o MDF caminha para quase trinta anos de luta junto aos favelados da Zona Leste de São Paulo. Os desafios são grandes para conseguir manter a mesma dinâmica do movimento quando do seu surgimento na efervescência dos movimentos sociais na década de 70. Hoje, no meio dos favelados reina ainda a luta, mas também há os momentos de desesperança. Os motivos estão no crescimento da falta de expectativas, violência e drogas. Segundo Feltran:

O narcotráfico, hoje, cerceia inclusive a ação dos movimentos sociais nas favelas. Às vezes não é nem mesmo possível entrar nas favelas para distribuir convites para assembléias do Movimento. A paisagem se faz, portanto, com desemprego, violência, falta de esperança e medo, que sem dúvida auxiliam a entender a queda de participação e descrédito da população com relação a saídas antes bem trabalhadas pelos movimentos (FELTRAN, 2005, p. 262).



Figura 7: Lideranças do MDF reunidos na Praça da Sé em São Paulo.
Foto: Acervo MDF.

Na busca de parcerias para a concretização de seus projetos, o MDF tem contado com o apoio de agências e fundações estrangeiras como a Catholic Agency for Overseas Development – CAFOD - da Inglaterra; da Irish Catholic Agency for World Development – TROCAIRE - da Irlanda e da Catholic Agency for Overseas Aid and Development - CARITAS AUSTRALIA – da Austrália. No Brasil tem contado com convênio com a Prefeitura de São Paulo, Fundação Abrinq e a Pastoral da Saúde.

Além desses parceiros, o Movimento de Defesa do Favelado comunga com o compromisso solidário da Igreja - Região Episcopal Belém de São Paulo - com a causa dos excluídos e excluídas.

Leonardo Boff no seu livro *A Voz do Arco-Íris* ao falar sobre a gestação de um povo novo a partir dos movimentos sociais, destaca a formação e contribuição desses movimentos para os dias de hoje, além da sua organização:

O processo fez-se nesta linha: do seio da massa, sob a atuação de líderes carismáticos, agentes de educação popular e agentes religiosos, formaram-se comunidades, associações e movimentos populares de todo o tipo. Nesses espaços, foram surgindo atores sociais conscientes, críticos, com vontade de modificar a realidade circundante

e de gestar as sementes de um outro tipo de sociedade, mais participativa, popular e democrática. A articulação dessas associações gerou o movimento popular brasileiro. Ele está fazendo da massa um povo organizado. E povo só existe quando se elabora uma consciência coletiva, se desenha um projeto nacional e se instauram as práticas para implementá-lo. Desafio histórico dos intelectuais orgânicos e da pedagogia popular é gestar, mediante a organização da massa, as associações, as comunidades, os movimentos de toda ordem (por terra, casa, saúde, escola, direitos humanos, sindicalismo militante, etc.), o povo brasileiro. Ele ainda não se constitui totalmente. Predominam as massas deserdadas e destituídas. Elas gritam e querem ser povo participante e organizado. Mas lentamente, como fruto da luta popular e de seus aliados, está nascendo finalmente, o povo brasileiro (BOFF, 2000, p. 61).

Boff também comenta que:

Esse povo, pela participação social nos movimentos e pela militância dos partidos ligados à sua causa e luta, obriga a sociedade política a escutá-lo, a negociar, e destarte a diminuir os níveis de violência estrutural (BOFF, 2000, p. 62).

Vale lembrar que Paulo Freire tinha no projeto neoliberal seu pior inimigo, por esse defender uma ética do mercado e esconder a “ética universal do ser humano”. Freire nos pedia para lutar “bravamente” a favor da ética universal do ser humano.

Aos movimentos sociais, cabe somar junto ao sonho de Paulo Freire, a denúncia diária contra toda e qualquer negação da vida:

Não creio que as mulheres e os homens do mundo, independentemente até de suas opções políticas, mas sabendo-se e assumindo-se como mulheres e homens, como gente, não aprofundem o que hoje já existe como uma espécie de mal-estar que se generaliza em face da maldade neoliberal. Mal-estar que terminará por consolidar-se numa rebeldia nova em que a palavra crítica, o discurso humanista, o compromisso solidário, a denúncia veemente da negação do homem e da mulher e o anúncio de um mundo “genteficado” serão armas de incalculável alcance (FREIRE, 2004, p. 128).

4.2 O que é o Centro Cultural Vila Prudente – CCVP

A favela²¹ de Vila Prudente é um dos núcleos de maior atuação política do MDF e onde se conquistaram maiores avanços dentro da luta do movimento e é onde está localizado o Centro Cultural Vila Prudente.

A favela está situada na altura entre a torre da Ligth na travessa das avenidas Capitão Pacheco Chaves, rua Dianópolis e a avenida Professor Luiz Ignácio de Anhaia Melo. Segundo dados do MDF a sua população conta com mais de 8 mil pessoas, morando aproximadamente em mais 1.300 barracos, numa área de 31.000 metros quadrados. Mais da metade da população, encontra-se na faixa etária de 0 a 14 anos.²²



Figura 8 - Vista geral da favela de Vila Prudente fotografada pelos jovens do Campus das Artes
Foto: Acervo CCVP

A favela de Vila Prudente conta com a presença significativa dos padres espiritanos que atuam na frente dos projetos implantados pelo MDF, cuja representatividade é composta

²¹ “Favelas são assentamentos humanos, espontâneos e não convencionais, por isso carentes de arruamento e serviços de saneamento básico, nos quais as habitações são construídas geralmente pelos próprios moradores, em áreas de domínio público ou em propriedades particulares abandonadas. As favelas surgem quase sempre em terrenos de menor valor imobiliário, situados em enconsta ou sujeitos a inundação. A primeira favela surgiu no Morro da Providência, no Rio de Janeiro, junto à Central, no início do século. Sua população era formada pelos (soldados) sobreviventes da Guerra de Canudos, que foram autorizados a construir barracos em terrenos sem valor de mercado, como recompensa aos serviços prestados à Pátria. Em Canudos, na Bahia, havia uma enconsta chamada de Morro da Favela, que, por sua vez, é uma planta típica das caatingas. O nome Favela teve aí a sua origem. E a partir daí a palavra “favela” passou a ter um significado tão simbólico do Brasil quanto as cores verdes e amarelas”. Disponível em http://www.todafruta.com.br/todafruta/mostra_conteudo.asp?conteudo=791 Acesso em 18 jul. 2003.

²² Dados obtidos nos acervos do MDF.

hoje por: Creche Júlio César de Oliveira, o Centro Cultural Vila Prudente e o Centro de Pastoral Dom Oscar Romero.

Tem ainda a presença de um grupo de franceses mantenedores do projeto Arca de Noé que recebe crianças na faixa etária de 3 a 6 anos.

Conta também com a Associação de Amigos da Favela de Vila Prudente.

Outras denominações religiosas como a dos protestantes e espíritas também estão presentes na favela.

Feltran, em pesquisa sobre os movimentos sociais dentro da cidade de São Paulo, destaca a favela de Vila Prudente com grandes significados políticos para o MDF:

A atuação do MDF na favela da Vila Prudente começou com a pesquisa, como chama Patrick, ou o levantamento de palavras-chaves proferidas pelos moradores, temas geradores que identificavam em geral um problema social, do mundo das necessidades. [...] Na Vila Prudente o esgoto, os ratos, a sujeira eram temas correntes, segundo Patrick. A partir dessas palavras, o movimento procurou favorecer a criação de grupos de trabalho. As campanhas de alfabetização formavam técnica e politicamente quadros para liderar a mobilização comunitária, chamar para as reuniões religiosas, acompanhar as discussões, participar das manifestações, das discussões na Prefeitura. Em algum tempo de trabalho de base, muitos moradores estavam mobilizados para tentar construir uma rede de esgoto na favela. A equipe do MDF conseguiu assessoria técnica para isso, e havia recursos do exterior para a elaboração do projeto, assinado pelo pe. Patrick, como responsável solicitante. Com apoio de muitos moradores, foi iniciado o mutirão, para abrir a rede, etc (FELTRAN, 2005, p. 233).

Para Feltran, foi no interior das articulações com os moradores da favela de Vila Prudente que o MDF também construiu seu projeto político:

[...] é importante ressaltar que o início da atuação do movimento esteve muito vinculado à atuação específica na favela da Vila Prudente. É no interior da favela que se consolida, para os militantes iniciais, uma concepção de mundo que se torna o

projeto político que vai oferecer critérios de articulações mais ampliadas do MDF. Pelas formas com que o movimento se consolida na Vila Prudente, é possível perceber como os alicerces da aparição pública dos movimentos sociais se fundam, certamente, em trajetórias longas e compostas por aprendizados de inúmeras lutas pontuais (FELTRAN, 2005, p. 232).

O Centro Cultural Vila Prudente, o CCVP, foi fundado em 1990. Originalmente nasceu como Casa da Cultura em um local que antes fora destinado para a construção de um velório, devido à ocorrência de vários assassinatos dentro da favela. O projeto do velório não chegou a ser viabilizado por causa da diminuição do número de mortes.

Em 1998, um ano depois que assumi a coordenação da *Casa de Cultura*, propus a mudança do seu nome para *Centro Cultural Vila Prudente* sendo aceito pelo seu fundador e diretor pe. Patrick Clarke.

Ao tornar-se *Centro Cultural Vila Prudente*, assumimos uma integração maior do *CCVP* com a favela e com outros projetos *do MDF* dentro da comunidade: Creche Júlio César, Salão do Povo e Igreja São José Operário.

Essa integração já tínhamos experimentado no ano anterior quando o *CCVP* ajudou na realização de um desfile de mulheres da comunidade que haviam terminado um curso de cabeleireiro/a promovido pelo Salão do Povo. As aulas foram dadas pela profissional Helena Nakacima, voluntária pelo MDF na época.

A missão do *CCVP* atesta esse cuidado da integração com a favela:

Oferecer condições de cidadania para que as crianças, adolescentes, jovens e comunidade da Vila Prudente participem do processo de integração na vida e na sociedade por meio das artes, da cultura e educação como expressão do conhecimento e transformação ²³.

²³ Extraído da Carta de Princípios do *CCVP*

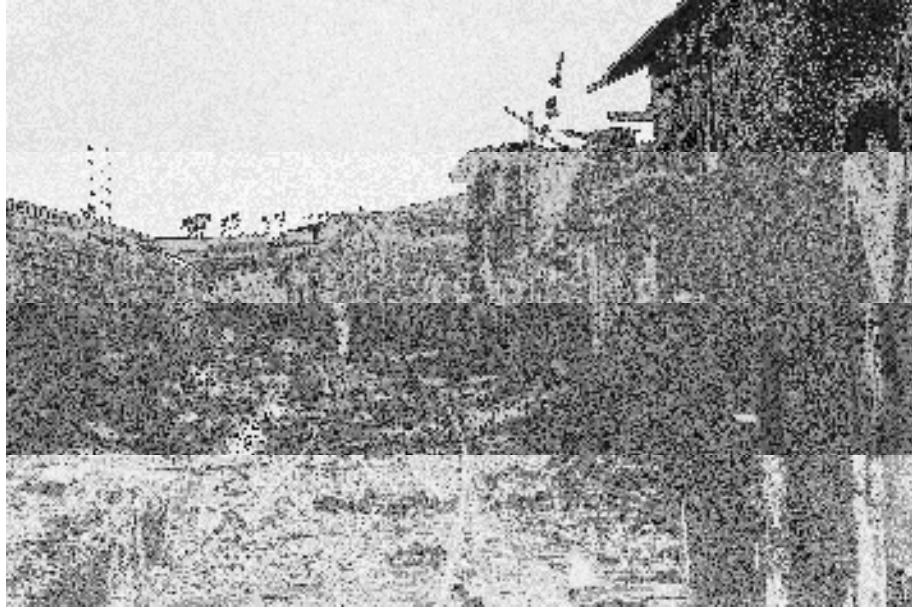


Figura 9: Favela de V. Prudente. Rua da Linha ainda com os trilhos de trem.
Foto: Acervo MDF

Passamos a considerar a favela como uma extensão maior do *CCVP*. Nessa fase passamos a levar as oficinas para os espaços públicos da favela. Várias oficinas de artes aconteciam nos finais de semana em frente à Igreja São José Operário ou no pátio superior da Creche Júlio César. Companhias de teatro mambembe e circo se apresentavam pela favela despertando no povo alegria e espanto. Em 1998, tivemos a apresentação da companhia de teatro e circo Duo Macaco, da Itália, que, pela primeira vez se apresentava no Brasil.

Em 1997 elaborei um texto sobre o *CCVP*, então *Casa da Cultura* onde já destacávamos a postura política do *CCVP* junto à comunidade dos moradores da favela de Vila Prudente:

O Projeto da Casa da Cultura na Vila Prudente é hoje um grande desafio dentro da política neoliberal do governo, onde as culturas subalternas perdem seu espaço de expressão e ainda correm o risco de serem confinadas por tal modelo de gestão. É um desafio e um privilégio para aqueles que dele se aproximam e nele trabalham. Hoje, em uma sociedade neoliberal, globalizante e excludente, poder oferecer o exercício da arte é sonhar e fazer uma rua, uma vila, um bairro, uma cidade e um país melhor” A Casa da Cultura, como projeto, deseja e almeja ser Projeto Piloto da criação, do sonho, da vida e da arte. Sabemos que o artista é aquele que cria o novo. Sempre foi assim.

Não queremos a morte nem a antecipação desta. Vejo tantos becos na favela e penso: podemos com o nosso projeto, com a nossa arte e com os sonhos de tanta gente daqui apontar, em cada final de túnel, uma luzinha. O Projeto Casa da Cultura, na Vila Prudente quer ser esta luzinha... Porque, Velório não. Farol, sim!²⁴

Nesse mesmo documento, Pe. Patrick Clarke definiu o que vinha a ser a Casa da Cultura:

A Casa da Cultura é um sonho de que este mundo nosso é de todos. E de modo especial, dos pequenos. Das crianças. É um lugar onde a herança de ser criança é algo sagrado. E esse Sagrado tem o poder de tudo transformar. É nesse espaço que se experimenta o tesouro da criatividade, na dança, no canto, e na aventura de brincar com tinta e com a Bem-aventurança de estar vivo. Livre e cheio de graça e gratidão. Um pedaço do Paraíso no meio do mundo querendo proclamar que aqui se sonha. A fraternidade de todos e a fraternura que faz o sentido do viver de cada um. É a casa onde a arte é a expressão que une corpo e alma na dança da alegria, da integração e da transformação. A aventura começou em junho de 1990. Passou por fases difíceis e momentos críticos. Também conheceu momentos de glória. Hoje continua caminheira na estrada da esperança utópica acreditando que seja possível virar este mundo; cravar este chão. E assim, convicto de que “o mundo vai ver uma flor brotar do impossível chão²⁵.

A existência do Centro Cultural Vila Prudente integrado à favela de Vila Prudente vem garantindo aos seus freqüentadores, principalmente as crianças e os adolescentes, direitos conquistados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente no artigo 58:

No processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade de criação e o acesso às fontes de cultura²⁶.

²⁴ Extraído do documento “Projeto Casa da Cultura – Vila Prudente”, ano 1997.

²⁵ Id.

²⁶ Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei Federal 8.069/1990



Figura 10: Apresentação do Grupo Andarilhos na favela Vila Prudente, no ano de 1998

Foto: Antonio Marcos

O mesmo defende o artigo 59 do mesmo estatuto:

Os municípios, com apoio dos estados e da União, estimularão e facilitarão a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e a juventude²⁷.

A Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança e do Adolescente, define os centros culturais como:

Espaços de complementação educacional para desenvolver a expressão artística de jovens de baixa renda, nos horários alternativos ao da escola. Realizam oficinas de dança, teatro, capoeira, pintura, circo, literatura, fotografia, vídeo, entre outras, sempre tendo a cidadania como referência. Além de trabalharem temas como a auto-estima, a criatividade, a concentração, o belo, o sonho, os centros culturais garantem o direito à cultura²⁸.

²⁷ Id.

²⁸ Extraído do documento 15º Relatório Semestral “Projeto Nossas Crianças”, da Fundação Abrinq, julho – dezembro de 2000.

A experiência do Centro Cultural Vila Prudente junto à favela, fez-me acreditar que a reconstrução do homem e da mulher marginalizado/a, também acontece por meio da arte e da cultura como ações transformadoras.

Marly, uma das primeiras arte-educadoras do *CCVP*, em depoimento para um vídeo institucional do MDF, fala da arte como possibilidade de mudança:

Existe uma coisa muito bonita por trás de toda essa miséria: é a possibilidade de recriar, de reinventar o mundo, de reinventar a própria vida. E isso é uma coisa de extrema importância²⁹.

Nos últimos anos o *CCVP* ampliou seu quadro de funcionários e colaboradores, aumentando significativamente o número de oficinas e o número de beneficiados/as. Ao melhorar as instalações do projeto, cuidou-se em não perder de vista sua autonomia e identidade junto aos movimentos sociais.



Figura 11: Pe. Patrick Clarke junto aos primeiros arte-educadores do *CCVP*
Foto: Acervo *CCVP*.

²⁹ Fala extraída do vídeo Teto e Chão: a história do Movimento de Defesa do Favelado

Hoje, o Centro Cultural Vila Prudente atende um número aproximado de 80 crianças além de adolescentes, jovens, mulheres e homens da comunidade, freqüentando oficinas de artes visuais, teatro, dança, circo, capoeira, música, mosaico e confecção de bijuterias.

O projeto que começou suas atividades em uma sala pequena antes destinada a um velório, hoje está distribuído por quatro prédios dentro da favela, mantendo sua arquitetura em diálogo com a estética local.

A partir do ano de 2005 cada prédio e sala ganhou nomes de personalidades marcantes para a história mais recente do Brasil. Homens e mulheres que sonharam e lutaram por um Brasil melhor nos âmbitos da educação, da cultura, das artes, da preservação do meio ambiente ou da luta contra a pobreza e a fome.

O prédio 01, que conta com um ateliê de artes e uma biblioteca, homenageou um dos nossos maiores antropólogos, Darcy Ribeiro. O ateliê leva o nome do artista plástico irlandês Brian Maguire que levou o CCVP para a 24ª Bienal de Artes de São Paulo em 1998. A biblioteca leva o nome de Anne Clarke³⁰.

O prédio 02 leva o nome do ativista ecológico Chico Mendes³¹, assassinado por abraçar a causa da preservação da Amazônia e sua luta junto aos seringueiros do Estado do Acre. Esse prédio conta com uma cozinha e um refeitório. Homenageamos Herbert de Souza, o Betinho, colocando seu nome no refeitório por ele ter combatido a fome e a miséria no Brasil.

Freire, que experimentou a fome ainda criança, nos salienta bem sobre os danos cometidos por ela na vida de tantas crianças e adolescentes brasileiros:

Fome real, concreta, sem data marcada para partir, mesmo que não tão rigorosa e agressiva quanto outras fomes que conhecia. De qualquer maneira, não a fome de

³⁰ Anne Agar Clarke, mãe do pe. Patrick Clarke, nasceu em 15/02/1908 e faleceu no dia 13/03/2002 tendo por muitos anos contribuído com o CCVP com ajuda financeira obtida de suas economias.

³¹ Francisco Alves Mendes Filho, o Chico Mendes, foi seringueiro, sindicalista e ativista ambiental brasileiro. Lutou contra a extração madeireira e a expansão dos pastos na Amazônia. Foi assassinado no dia 22/12/1988. Em 1987 foi premiado pela Organização das Nações Unidas (ONU) com o prêmio “Global 500” e com a “Medalha do Meio Ambiente” da organização “Better World Society”.

quem faz operação de amígdalas ou a de quem faz dieta para ficar elegante. A nossa fome, pelo contrário, foi a que chegava sem pedir licença, a que se instala e se acomoda e vai ficando sem tempo certo para se despedir. Fome, que se não amenizada, como foi a nossa, vai tomando o corpo da gente, fazendo dele, às vezes, uma escultura arestosa, angulosa. Vai afinando as pernas, os braços, os dedos. Vai escavando as órbitas em que os olhos quase se perdem, como era a fome mais dura de muitos companheiros nossos e continua sendo a fome de milhões de brasileiros e brasileiras que dela morrem anualmente (FREIRE, 2003, p. 39).

A cozinha leva o nome da ativista e freira Dorothy Mae Stang³², também assassinada por assumir uma luta em defesa da preservação da Amazônia.

O geógrafo brasileiro Milton Santos³³, que depositava sua esperança de futuro nos excluídos e que na sua visão, possuíam o poder transformador e revolucionário, leva seu nome no prédio 03 onde está a coordenação do CCVP, a recepção e o Memorial Patrick Clarke na sala Dom Hélder Câmara³⁴, símbolo da luta pelos menos favorecidos. A recepção leva o nome da santa e mística doutora da Igreja Católica Santa Teresa de Ávila³⁵. A sala da coordenação homenageou o educador Paulo Freire por sua presença e participação junto ao MDF no início da sua caminhada.

O prédio 04 leva o nome de São Francisco de Assis, reconhecendo na história desse outro santo católico, um convite ao amor universal de homens e mulheres para com a mãe

³² Dorothy Mae Stang: Freira norte-americana, naturalizada brasileira. Atuou ativamente nos movimentos sociais. Esteve presente na Amazonia desde a década de 70 junto aos trabalhadores da Região do Xingu, buscando a geração de emprego e renda em projetos de reflorestamento em áreas degradadas. Participou da Comissão Pastoral da Terra (CPT) ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Recebeu em 2004 a premiação da Ordem dos Advogados do Brasil (Secção Pará) pela sua luta em defesa dos direitos humanos. Foi assassinada com 7 tiros aos 73 anos de vida no dia 02/02/2005.

³³ Milton Santos: Geógrafo brasileiro e pensador respeitado na sua área. Recebeu o Prêmio Internacional de Geografia Vautrin Lud, na França, uma espécie de Nobel da Geografia. Exerceu boa parte da carreira acadêmica no exterior (França, Canadá, EUA, Peru, Venezuela, etc.). Publicou mais de 40 livros e 300 artigos em revistas especializadas. Entre os volumes publicados estão “Pensando o espaço do homem”, “A urbanização brasileira”, “A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção” e “O Espaço do Cidadão. Morreu em São Paulo em junho de 2001.

³⁴ Dom Hélder Câmara foi bispo-auxiliar do Rio de Janeiro (1952). Criador da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Foi perseguido duramente pela ditadura militar. Esteve à frente da Arquidiocese de Recife até se aposentar em 1985. Morreu em Recife no dia 27/08/1999. Chegou a ser indicado para o Prêmio Nobel da Paz.

³⁵ Nasceu na província de Ávila, Espanha em 28/03/1515. Foi uma religiosa e escritora, famosa pela reforma que realizou no Carmelo e por suas obras místicas (Livro da Vida, Caminho da Perfeição, Moradas e Fundações). Morreu no dia 04/10/1582.

terra. A sala maior deste prédio onde são ministradas as oficinas de capoeira, dança, teatro e mostras de arte, ganhou o nome Denise Stoklos, atriz e coreógrafa brasileira que tem representado o Brasil no mundo por meio do seu Teatro Essencial.

No terceiro andar do prédio 04, uma das últimas salas recebeu o nome de Nossa Senhora de Guadalupe³⁶, homenageando a padroeira da América Latina. Conta ainda nesse prédio uma sala para atendimento psicológico, um camarim e uma capela com o nome de São Patrício, em homenagem ao povo irlandês, que desde a fundação do *CCVP*, contribui financeiramente para com sua manutenção. Acima do último andar do prédio 04 há um mirante onde é possível ter uma visão panorâmica da favela.

Desde a sua fundação o *CCVP* sempre priorizou o cuidado para com o desenvolvimento das crianças por meio das artes. E uma maneira de fazer com que elas compreendessem tal objetivo foi incentivá-las a tratar com carinho os trabalhos produzidos por elas dentro das oficinas de artes. Muita atenção é dada às exposições para que elas percebam o valor das suas manifestações artísticas.

Dos primeiros anos das atividades do *CCVP* já há registros das crianças se apresentando e encontrando com representantes de movimentos políticos, culturais e religiosos. Destacamos uma apresentação de dança feita pelas crianças dedicada a Rigoberta Menchu³⁷ em sua visita ao MDF e um outro momento onde elas, em um encontro com o então Cardeal e Arcebispo de São Paulo Dom Paulo Evaristo Arns³⁸, presenteiam-no com obras de artes.

As exposições de artes sempre marcaram a agenda do *CCVP*. Desde a primeira em 1998 na Vila Madalena, elas cativaram a participação das crianças e adolescentes e,

³⁶ Nossa Senhora de Guadalupe (Virgem de Guadalupe) é considerada pelos católicos Patrona da cidade do México e da América Latina. Sua origem está na presunta aparição da Virgem Maria a um pobre índio da tribo Nahua, Juan Diego Cuauhtlatzain, em Tepeyac, nordeste do México, em 9/12/1531.

³⁷ Rigoberta Menchu: Nasceu na Guatemala. Pertencente à etnia Quiché-Maya. Recebeu os prêmios: Nobel da Paz (1992) e o Príncipe das Astúrias (1998).

³⁸ Dom Paulo Evaristo Arns: Arcebispo Emérito de São Paulo. Nasceu em Forquilha (SC). Sua atuação pastoral esteve sempre voltada para os habitantes da periferia; aos trabalhadores; à formação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) nos bairros e na defesa e promoção dos direitos humanos.

conseqüentemente as famílias sempre gostaram de apreciar os trabalhos produzidos pelos seus filhos.

Em 1998 iniciamos intercâmbio com a Escola Britânica Saint Paul, onde uma vez na semana, nossas crianças participavam de oficinas de lazer nas quadras da escola. Quinzenalmente, seus alunos vinham até o *CCVP* realizar no ateliê de artes oficinas para as nossas crianças. Esse intercâmbio teve a duração de um ano. Durante esse período as crianças, junto com os alunos da Saint Paul, realizaram no Centro de Artes desta instituição de uma mostra coletiva de trabalhos reunindo diversas linguagens.



Figura 12 : Cardeal e Arcebispo Dom Paulo Evaristo Arns recebendo as crianças do CCVP nos primeiros anos do centro cultural.
Foto: Acervo Patrick Clarke.

Com o artista irlandês Brian Maguire, levamos a experiência do Centro Cultural Vila Prudente para a 24ª Bienal de Artes de 1998. Ao longo de dois meses, ele permaneceu no projeto estabelecendo um contato direto com as crianças, colaboradores e com o povo da favela. Nesse período, visitamos ele, seu assistente Raul Araújo e eu, vários lares das crianças, fotografando o interior de suas casas. A proposta dessas imagens era retratar o local que elas escolhiam para colocar uma tela com seu retrato feito por Maguire. No final do processo as imagens foram reveladas em placas de alumínio e postas na sua instalação “Casa da Cultura Brian Maguire” na Bienal de São Paulo.

Maguire dividiu sua instalação com duas temáticas: a das crianças do CCVP retratadas por ele e a da chacina do Carandiru ocorrida em 1992. Para Maguire sua instalação refletiria a existência de “grupos invisíveis” pela sociedade como a dos favelados e os presidiários. Em entrevista para a revista *ISTOÉ* Maguire destacou que crianças de favela, presos, mortos, são todos uma comunidade invisível para a sociedade que só a vê com frieza e o distanciamento das fotos jornalísticas. Com sua exposição poderiam ser admirados numa mostra importante como é a Bienal onde foram pintados com amor, numa tentativa de recuperar sua dimensão humana.



Figura 13: Brian Maguire no CCVP fazendo retrato de criança (1998)
Foto: Antonio Marcos

Em 2000, Brian Maguire montou em Dublin, na Irlanda, uma exposição dos últimos dez anos do seu trabalho como artista plástico, intitulada Brian Maguire INSIDE/OUT. Os trabalhos de retratos feitos por ele, as fotos que fez junto com Raul Araújo e Brian também, entraram para essa mostra, montada pela primeira vez no Hugh Lane Municipal Gallery of Modern Art Dublin, entre os dias 26 de janeiro e 26 de março. A mostra seguiu depois para o Contemporary Arts Museum Houston (26 de maio – 16 de Julho), no Texas (Estados Unidos) e para o Crawford Municipal Art Gallery em Cork, na Irlanda do dia 15 de fevereiro a 30 de março de 2001.

Em 1998, depois de um ano e meio fotografando diariamente as atividades do CCVP e o dia-a-dia da vida na favela, editei e montei a exposição fotográfica *Um Outro Centro Cultural Vila Prudente: Olhar Sobre o Projeto*³⁹ exposta na Vila Madalena no restaurante Matterello.

No ano 2000 o SESC de São Paulo realizou na unidade Pompéia o projeto fotográfico Êxodos de Sebastião Salgado e as crianças do CCVP a convite do SESC montaram o espetáculo “Cridança” inspirados na sutileza e sensibilidade das imagens feitas por Salgado.



Figura 14: Tábata e Pâmela no interior de suas casas com retratos feito por Brian Maguire que foram colocados na 24ª Bienal de São Paulo (1998)
Foto: Antonio Marcos

³⁹ Em julho de 2000 a exposição “Centro Cultural Vila Prudente: Olhar sobre o projeto” esteve montada em Araruama no Rio de Janeiro durante a VII Assembleia Internacional da Fraternidade de Charles de Foucauld.
- Em julho de 2006 ela inaugurou a galeria virtual do site do CCVP: www.ccvpfavela.org



Figura 15



Figuras 15 e 16: Detalhe do painel pintado por crianças do CCVP e visitante na exposição “Casa da Cultura Brian Maguire” no Colégio Saint Paul em 98
Foto: Antonio Marcos

Em 2003 o CCVP finalizou o projeto *Campus das Artes* com a exposição *Arte na Favela* montada na pizzaria Galpão da Pizza no bairro Vila Olímpia.

Ainda no Restaurante Matterello montamos a exposição *Caixas*, inaugurada no dia 08 de dezembro de 1999, ficando em cartaz até 08 de janeiro de 2000. Em 2001 montamos *Cotidiano*; em 2002 *O Mundo Mágico dos bonecos* e em 2005 *Das pinturas aos retalhos: Moda na favela*.

O CCVP também participou, a convite da Associação de Apoio às Meninas e Meninos da Região Sé, da pintura de um painel sobre a cidade de São Paulo na entrada do projeto “Casa 20 – Oficinas de Arte” na região do bairro da Luz em outubro de 1998.

Em 2001 o CCVP participou da “Semana Paulo Freire 80 anos” com a exibição do vídeo “Patrick Clarke conversa com Paulo Freire” e ainda com a performance de pintura ao vivo (retratos) do adolescente Fernandes Pereira da Silva.

Em 2005 o CCVP, junto com o MDF, leva para o 5º Fórum Social Mundial em Porto Alegre oito oficinas representando os trabalhos realizados juntos às favelas da Zona Leste de São Paulo. O tema das oficinas concentraram-se no slogan: Do coração da favela para o mundo de todas as gentes.



Figura 17: Criança durante Auto de Natal no CCVP
Foto: Antonio Marcos

O CCVP conta hoje com cinco programas implantados e amadurecidos ao longo da sua caminhada.

Em 2005, o CCVP criou o Programa Eco-Favela contribuindo com a Agenda 21 elaborada na Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, na Rio-92.

O Programa Eco-Favela é a interação dos envolvidos no Centro Cultural Vila Prudente com a ecologia por meio de uma agenda de atividades em educação ambiental, visando a construção eco-sustentável de um novo homem e uma nova mulher. O programa fora inspirado na sua primeira ação ecológica ocorrida no ano de 1997 na cidade de Ibiuna (interior de São Paulo) onde crianças e arte-educadores do Centro Cultural ficaram durante uma semana em contato com a natureza dentro de um projeto de assentamento.

O Eco-Favela conta com a Ação Eco-Criança que proporciona às crianças e jovens adolescentes do CCVP um contato maior com a natureza por meio de visitas a parques, cidades rurais e fundações ambientais.

A primeira Ação Eco-Criança aconteceu em Piracaia, a 70 quilômetros de São Paulo em setembro de 2005. A segunda ocorreu em março de 2006 na cidade de Itapetininga (interior de São Paulo) em parceria com a Associação Nossa Senhora Rainha da Paz. A terceira edição aconteceu em novembro de 2006 na cidade de Jarinu, também a 70 quilômetros de São Paulo em parceria com a Prefeitura Municipal da cidade.

O Programa Eco-Favela nasceu de uma ação desenvolvida junto às crianças do CCVP com a comunidade no final de 2004. A ação conhecida por Gentileza Cultural, promovia uma conscientização sobre atitudes de ofensa à natureza humana e ambiental. Foi promovida por meio de oficinas e intervenções na comunidade, recolhendo o lixo reciclável que era aproveitado nas oficinas de arte ou comercializado numa cooperativa próxima ao CCVP.

A discussão sobre a educação ambiental e suas ações só trarão transformações quando, na sua agenda de debate, a questão dos excluídos/as forem considerados, já que seria difícil

salvar um planeta onde a concentração de riqueza cada dia mais pertence a uma minoria. A eficácia do discurso da educação ambiental tem de salvar o mundo salvando primeiro homens e mulheres excluídos/as da vida.

Para Paulo Freire a educação ambiental é uma questão de amor e cuidado pelo planeta antes mesmo de nos declarar o nosso amor pelos homens e as mulheres deste mundo:

[...] Não creio na amorosidade entre mulheres e homens, entre os seres humanos, se não nos tornarmos capazes de amar o mundo. A ecologia ganha uma importância fundamental neste fim de século. Ela tem de estar presente em qualquer prática educativa de caráter radical, crítico ou libertador (FREIRE, 2000, p. 67).



Figura 18: 1ª Ação Eco-Criança na cidade de Piracaia (SP) em 2005.
Foto: Antonio Marcos

O jornalista e ambientalista Vilmar S. Demamam Berna destaca o papel das *ONGs* para a educação ambiental e a promoção da paz:

Aquela visão de que os poderes Legislativo, Executivo e Judiciário davam conta dos problemas da sociedade caiu por terra. A sociedade não se sente representada pelos políticos, e a tendência é de se criar organizações paralelas ao Estado, que representem melhor os interesses da sociedade. Hoje o crescimento do terceiro setor não se restringe apenas ao desenvolvimento econômico, mas também à capacidade de gerar empregos e de influir sobre políticas públicas. Atualmente, milhares de ONGs se dedicam às questões ambientais e a tendência é que esse número cresça.

[...] No terceiro setor, o exercício da democracia é diário, você debate até encontrar um objetivo comum. Essa afirmação é fruto da idéia de que a paz vai sempre resultar da justiça, já que não alcançamos a paz através do embate entre o mais forte que domina o mais fraco. A paz resulta da justiça, e a justiça vai nascer sempre do diálogo das diferenças (Maior consciência ambiental. *Família Cristã*, São Paulo, nº 847, ano 72, p. 7).

A ecologia pode ganhar muito da cultura popular onde as *ONGs* estão atuando. Leonardo Boff defende esse espaço como local de “troca de saberes” onde a conscientização também se faz. Princípio este também presente na teoria do conhecimento de Paulo Freire:

O saber popular contido nas tradições dos velhos, nas lendas e nas histórias dos índios, caboclos, negros, mestiços, imigrantes, dos primeiros que aí viveram, confrontando e complementando com o saber crítico científico. Esses saberes revelam dimensões da realidade local e portadores de verdade e de sentido profundo a ser decifrado e a ser incorporado por todos. O que daí resulta é uma profunda harmonia dinâmica do ecossistema onde os seres vivos e inertes, as instituições culturais e sociais, enfim todos encontram seu lugar, interagem, se acolhem, se complementam e se sentem em casa (BOFF, 2003, p.136).

O Centro Cultural Vila Prudente também criou em 2005 o Programa Gente de Futuro, para fornecer bolsas de estudos para jovens que freqüentam a instituição e que manifestaram o desejo de freqüentarem uma faculdade ou cursos de carga horária reduzida em escolas ou fundações como a de São Caetano do Sul. Nesta fundação quatro jovens do CCVP freqüentaram e concluíram cursos nas áreas de teatro, artes plásticas e música. Um outro jovem freqüentou uma escola de circo na Vila Madalena tendo desistido do curso mais tarde. No momento um outro jovem avança como bolsista em um curso superior de artes plásticas.

A socialização das crianças e adolescentes por meio de excursões e visitas a museus, mostras de artes e atividades afins na cidade de São Paulo, instaladas próximas às paradas de trens e metrô, é o objetivo do Programa Trem da Amizade que já acontece no projeto desde o ano de 2000 e que virou programa no ano de 2005.

O Memorial Patrick Clarke é o mais novo programa do *Centro Cultural Vila Prudente*. Foi criado em julho de 2006 e visa manter atualizada toda a história do *CCVP* dentro da favela, aliado à história do MDF. O programa homenageia e dá nome ao seu fundador. O memorial ocupará a Sala Dom Helder Câmara no terceiro andar do prédio Milton Santos, localizado na rua da Igreja.



Figura 19: Fernandes Pereira retratando Patrick Clarke
Foto: Antonio Marcos

Para democratizar o acesso a produções musicais e afins no Centro Cultural Vila Prudente foi inaugurado em 2005, na sala Denise Stoklos, o Programa A Vida Tem Concerto.



Figura 20: Os músicos Cecília Siqueira e Fernando Lima apresentando na sala Denise Stoklos do Centro Cultural Vila Prudente



Figura : 21



Figura : 22



Figura : 23



Figura : 24

Figuras 21,22, 23 e 24: Artistas circenses da favela Vila Prudente durante *performance*
Foto: Antonio Marcos